

Assédio

Fernando José Pereira

(Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto)

PEREIRA, Fernando José – *Assédio*. In: *Inter@ctividades: artes, tecnologias*. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens/FCSH-UNL, 1997, pp. 119-120. ISBN 972-97296-0-3.

*“Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes?
Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não
falam.”*
Sermão de S. António aos peixes
Padre António Vieira

A FORMULAÇÃO DE UMA ALEGORIA partir da frase acima reproduzida, funcionará como *leit-motiv* para a conseqüente atualização do discurso para a contemporaneidade e, sobretudo, para as novas preocupações colocadas neste final de século, ao nível da comunicação ou da inexistência dela.

De acordo com Mario Perniola «Ao homem-máquina substituiu-se o homem-vídeo, no qual a tecnologia e a sensibilidade vivem numa relação de surpreendente simbiose: o homem contemporâneo parece-se com uma coisa extraordinariamente dotada de sentidos e de capacidade percetivas. O aspeto inquietante e perturbador desta maneira de ser reside no facto de ela abrir um imaginário coletivo em que são violadas as fronteiras entre o orgânico e o inorgânico, entre o modo de ser da natureza viva e o modo de ser das coisas: a definição do homem já não é a de animal racional, mas sim de coisa que sente».

Á condição de mau auditório representado pelo universo dos peixes, que nas palavras de Padre António Vieira possuíam, contudo, boas qualidades: ouviam e não falavam, evoluímos, hoje, para um *homem-coisa* a quem já foi retirada há muito a capacidade de pensar, agir e sentir.

Se compararmos as situações e confrontarmos o espaço tempo que os separa – três séculos – tendo em conta a noção de progresso modernista, isto é, o devir será sempre melhor e mais perfeito, encontramos-nos, portanto, perante um paradoxo curioso.

O conceito de redução do homem ao estado de coisa, parece, segundo um macro olhar, extremamente crítico e negativo, pois mantemos uma capacidade intrínseca de nos autoenganarmos e autoalienarmos que, apesar de tudo, tem a ver com a capacidade de raciocinar. A crescente apatia a que nos entregamos indicia, contudo, um caminho bem demarcado na sua direção.

A alegoria do aquário é sintomática daquilo que somos: um conjunto que vive aparentemente feliz num universo de aparente liberdade, mas condicionado a quatro paredes de vidro, transparentes, é certo, mas intransponíveis. Tal como os peixes de que falava o padre António Vieira mantemos boas qualidades: ouvimos, vemos e não falamos – de um certo modo aperfeiçoamos estas características até perto da perfeição. No interior, os sons tornam-se surdos e as imagens difusas. A amálgama comunicacional transfigura-se em ruído de incomunicação. Como diz Virilio «... hoje, com vídeo e a infografia das imagens digitais, a ameaça de que nos advertia Kafka relativamente ao cinema – o cinema vai uniformizar os olhos – confirmou-se na totalidade, ao ponto de parecer ser necessária a intervenção de uma espécie de “conselho da ética da percepção”, em falta do qual podemos cair no excesso de uma apatia ocular, de um conformismo subliminar opticamente correto».

Muito diferentemente dos peixes de padre António Vieira não procuramos alimentos no nosso aquário, vêm-nos alimentar. A horas certas.

PERNIOLA, Mario: “Enigmas, O momento Egípcio na sociedade e na arte”, 1994.

VIRILIO, Paul: “Il privilegio dell’occhio”, 1993.